

VISÃO DE GESTORES SOBRE PROJETOS DE EXTENSÃO EM ANÁPOLIS - GO

SANTOS, Jéssica Andrade¹; BESSA, Vanessa Cristina Gadelha²;
FIGUEIREDO, Adda Daniela Lima³
PÔSTER - DIDÁTICA, PRÁTICAS DE ENSINO E ESTÁGIO.

RESUMO

O projeto Ciência Móvel desenvolve oficinas, por meio do Laboratório Móvel, um veículo Kombi, com kits tecnológicos de Ciências, Matemática e Robótica. O programa “Casa Brasil” é um espaço comunitário de acesso universal, livre e gratuito, que visa promover a cidadania pela participação política e social, geração de oportunidades e trabalho, popularização da ciência e da cultura. Os dois programas permitem aos acadêmicos desenvolver ações extensionistas vinculadas a Universidade, possibilitando assim a formação necessária para a vida profissional. Neste sentido, o presente trabalho almeja pesquisar qual a visão dos gestores dos projetos de extensão, Ciência Móvel e Casa Brasil, na cidade de Anápolis, sobre o desempenho e a efetividade dos mesmos. A pesquisa qualitativa contou com questionários semi-estruturadas aos gestores dos projetos e análise dos dados a partir da literatura pertinentes a área. Para os gestores os principais objetivos dos projetos de extensão são, manter um diálogo aberto com a Universidade, instigar a divulgação e popularização da Ciência, promover inclusão social e digital. Pode-se compreender que os gestores possuem um olhar bastante positivo sobre ambos os projetos por apresentar os resultados que eram esperados. Com relação ao atendimento à população percebe-se que o projeto Casa Brasil atende principalmente a comunidade local, já o Ciência Móvel atende várias escolas e ambos são amplamente aceitos pela comunidade. Os projetos como um todo são benéficos para a comunidade, Universidade e acadêmicos, pois além de proporcionar um maior conhecimento sobre a realidade de determinada comunidade, auxilia também na inclusão social e também aprendizado da comunidade.

INTRODUÇÃO

A universidade pode ser vista como fonte de construção de determinadas concepções, crenças e valores engrenadas nesse campo. Seguindo essa perspectiva, a extensão serve como um lugar de rompimento de fronteiras no processo de formação de futuros professores (SILVA e ROSA, 2011).

Ainda de acordo com esses autores, a extensão serve como apoio das ações formadoras da universidade. Entretanto, por ter sido permeada pelo processo de hierarquização ela acabou sendo inferiorizada no campo.

¹ Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Goiás. Bolsista PVIC-UEG.

² Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Goiás. Bolsista PVIC-UEG.

³ Doutoranda em Educação - PUCGO. Docente da UEG e PUCGO.

Na perspectiva extensionista a modalidade de educação não formal é muito comum, sendo destinada a toda comunidade. Martins e Goldoni (2009, p. 3) definem educação não formal como “qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora do sistema formal de ensino”. Ela não deve ser encarada como uma proposta contrária à educação formal, mas sim definida pelo que é, ou seja, um espaço de educação, de saberes para a vida e coletivos (GOHN, 2009).

Um dos projetos onde se é desenvolvida educação não-formal é no programa “Casa Brasil” um espaço comunitário de acesso universal, livre e gratuito, que visa promover a cidadania pela participação política e social, geração de oportunidades e trabalho, popularização da ciência e da cultura, criada pelo governo federal. Além disso, criar e consolidar as redes sociais e parcerias para o desenvolvimento local sustentável e das regiões de abrangência.

Outro projeto é o “Ciência Móvel”, criado pela prefeitura de Anápolis, no qual são desenvolvidas oficinas com kits tecnológicos de Ciências, Matemática e Robótica para percorrer as Unidades Escolares Estaduais e Municipais de Anápolis, com o intuito de estimular o estudo de Ciências Exatas, fundamentais para o alicerce de uma sociedade pautada na ciência, tecnologia e inovação.

Os dois programas permitem aos acadêmicos desenvolver ações extensionistas vinculadas a Universidade, possibilitando assim a formação necessária para a vida profissional. Neste sentido, o presente trabalho almeja pesquisar qual a visão dos gestores dos projetos de extensão, Ciência Móvel e Casa Brasil, sobre o desempenho e a efetividade dos mesmos na comunidade anapolina.

METODOLOGIA

No primeiro semestre de 2013, foi elaborado um questionário para os gestores dos programas Casa Brasil e Ciência Móvel. O questionário foi avaliado e validado por 3 professores da Universidade Estadual de Goiás (UEG-UnUCET). Após as modificações os gestores dos programas foram procurados para responderem aos questionários.

O projeto foi desenvolvido a partir de pesquisas qualitativas que contaram com uma revisão bibliográfica sobre os princípios da educação não-formal, a extensão universitária e os projetos Ciência Móvel e Casa Brasil, coordenados pela Secretaria Municipal de Ciência e Tecnologia e Inovação (SMCT&) de Anápolis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entregues e respondidos quatro questionários, sendo um para cada gestor de projetos extensionistas na SMCT&I de Anápolis.

De forma geral todos os gestores acreditam que as atividades extensionistas são atividades educativas relacionadas com a universidade que objetivam auxiliar no desenvolvimento da comunidade.

De acordo com Santos (2010), a extensão é realmente uma atividade universitária, embora seja diferente de outras atividades como o ensino e a pesquisa. Afirma ainda que é uma forma de interação da universidade com a comunidade. FORPROEX (2013, p. 1) conceitua extensão universitária como um “processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade”.

A extensão, porém, não visa apenas o benefício da população, mas também da universidade, que aprende sobre os valores e a cultura da comunidade onde está inserida, ocorrendo uma troca de conhecimentos (SANTOS, 2010).

Dentro os principais objetivos da SMCT&I com projetos de extensão foram citadas ações como manter um diálogo aberto com a Universidade, instigar a divulgação e popularização da Ciência, promover inclusão social e digital.

Os projetos são eficazes na promoção da inclusão digital, pois de acordo com Silva Filho (2003) *apud* Silva et al. (2011) um dos pilares para esta inclusão é a educação, juntamente com Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e renda que estão presentes em pelo menos um dos projetos.

Com relação à inclusão social, Silva et al. (2011) afirmam que a extensão realmente auxilia na diminuição de diferenças sociais por promover a inclusão social e conseqüentemente a melhoria da qualidade de vida da população local.

O interesse pela Ciência e tecnologia e o aumento do conhecimento científico são de grande importância para o desenvolvimento científico e tecnológico do país. Atualmente, a divulgação científica está se tornando cada vez mais importante, ocorrendo por meios de comunicação, centros de Ciência, e também através de programas de extensão universitária. No entanto, o país não possui nenhuma política pública ampla destinada à popularização da Ciência e Tecnologia (MOREIRA, 2006). Assim, esses dois programas são de grande importância para esta popularização na cidade de Anápolis.

Já sobre a parceria com as universidades, acreditam ser importantes para promover relação entre o poder público, a Universidade e o setor empresarial/industrial, despertar nos

jovens o interesse pela pesquisa e nas diversas Ciências afins, promover intercâmbio de experiências, crescimento e desenvolvimento da comunidade.

Projetos que objetivam a educação inclusiva são ótimos instrumentos para promoção de políticas públicas, por proporcionar um aumento na qualificação profissional, além de auxiliar em estudos sobre o interesse na disseminação do conhecimento (SILVA et al., 2011).

Segundo Rocha (2000), projetos sociais vinculados ao governo estão cada vez mais promovendo a cidadania através da conscientização do indivíduo por meio da educação e acesso à informação e ao conhecimento.

Com relação ao aproveitamento dos programas Ciência Móvel e Casa Brasil, os gestores os avaliam de forma satisfatória, pois os critérios utilizados para avaliação: a participação e procura da comunidade pelas atividades realizadas, relatórios mensais de números de atendimentos e avaliações dos relatórios. De acordo com o grupo gestor, todos os itens possuem resultados positivos, pois todos afirmaram que a comunidade busca participar dos projetos, por meio dos programas Ciência Móvel, Casa Brasil, Telecentro Comunitário e CRC, sendo as mais procuradas as atividades de qualificação e que resultam em melhoria na renda a família.

Em relação às mudanças necessárias todos responderam ser importante a realização de mudanças, entre elas, ampliar a capacidade de atendimento, maior interação da SMCT&I com a Universidade, melhoria das atividades oferecidas e adesões a novas ideias e atividades.

Tendo em vista que se vive em uma sociedade em constantes mudanças, a realização de mudanças é essencial para que os projetos se adequem à realidade da sociedade em que estão inseridos.

Sobre a utilização da Casa Brasil, afirmaram que é procurada pela comunidade em geral, mas prioritariamente pela comunidade local e não apenas por escolas. Já sobre o projeto Ciência Móvel atende alunos de ensino fundamental, médio e superior das redes municipal e estadual de ensino.

Um dos motivos de a Casa Brasil ser utilizada principalmente pela população local pode ser à distância de outros bairros da cidade, além da falta de conhecimento da população Anapolina sobre o projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os gestores possuem um olhar positivo sobre ambos os projetos, por apresentar os resultados esperados, como uma grande procura e atendimento da comunidade. Acreditam

que os projetos podem favorecer o desenvolvimento da comunidade e a promoção da Ciência e tecnologia, de grande importância para o desenvolvimento do país.

Os projetos como um todo são benéficos para a comunidade, Universidade e acadêmicos, pois além de proporcionar um maior conhecimento sobre a realidade de determinada comunidade, auxilia também na inclusão social e também aprendizado da comunidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao fomento do programa de iniciação científica PVIC/UEG.

REFERÊNCIAS

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Rev. Portuguesa de Educação**. Universidade do Minho. Braga, Portugal, v. 16, n. 002, 2003.

FORPROEX. **O Plano Nacional de Extensão Universitária**. Disponível em: <http://www.extensao.ufba.br/arquivos/inextensao/plano_nacional_de_extens%E3o_universitaria.pdf> Acesso em 17 mai. 2013.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Rev. Administração de Empresas**. v. 35, n.2, p.57-63, mar./abr. 1995.

GOHN, M. G. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Rev. Meta: Avaliação**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.

MARTINS, T. D.; GOLDONI, V. **Educação não-formal**: trabalhando em uma educação diferenciada. Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul. Rio Grande Do Sul, 2009.

MOREIRA, I. C. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. **Revista Inclusão Social**. v. 1, n. 2, 2006.

ROCHA, M. P. C. A questão cidadania na sociedade da informação. **Rev. Ciência da Informação**. Brasília, v. 29, n. 1, p. 40-45, jan./abr. 2000.

SANTOS, M. P. dos. Contributos da extensão universitária brasileira à formação acadêmica docente e discente no século xxi: um debate necessário. **Revista Conexão**. Ponta Grossa, v. 6, n. 1, 2010.

SCHAFRANSKI, M. D. Educação Não-Formal e Alfabetização de Adultos: Um Relato de Experiência. **Revista Conexão**. Ponta Grossa, v. 3, n. 1. 2007.

SILVA, R. F.; ROSA, M. M. C. S. Extensão universitária no currículo das licenciaturas: inovação e relação de sentido. **Olhar de professor**. Ponta Grossa, v. 14, n. 2, p. 371-380, 2011.